

O materialismo deligniano – Introdução ao Encontro

Marlon Miguel

Ao concebermos coletivamente a ideia de um Encontro Internacional Fernand Deligny uma dupla articulação nos parecia urgente. Por um lado, reconstruir o “objeto Deligny”, conectando suas práticas a um contexto histórico, político, cultural e teórico. *Expor* essas práticas como o produto de um tempo, mesmo se, de certa forma, em dissonância com esse tempo. Deligny emerge como um “objeto” estranho e problemático. Optamos então, em vez de enquadrá-lo rapidamente em certas correntes já conhecidas, por tentar restituir sua radicalidade própria. Por outro lado, nos parecia interessante ir ao encontro daqueles que trabalham com ou a partir de Deligny, em ressonância artística, clínica ou antropológica, atualizando-o ou mesmo deslocando-o. E perguntas nascem aqui: o que resta de Deligny hoje? Quais usos possíveis dele hoje? Entre a atualidade e a inatualidade da sua reflexão político-clínico-antropológico-artística um campo bastante complexo parece se abrir. Um campo, ou melhor, um canteiro de obras. Em todo o caso, essa dupla articulação nos pareceu mais fecunda do que simplesmente pôr-se a “filosofar” Deligny, do que torná-lo mais um objeto teórico cultivado e esvaziado de sua potência teórico-prática.

A reconstituição aqui proposta retoma os principais eixos do trabalho de Deligny: clínico, “literário” (em um sentido amplo de suas diver-

sas “escritas”), antropológico, político e “cinematográfico” (também em um sentido amplo, englobando toda a problemática da “imagem”).

O primeiro ponto que eu gostaria de evocar é a particularidade da “clínica” deligniana. Trabalhando mais de 50 anos em torno do conceito de “inadaptação” (ou de “inadequação”) forjado durante o regime de Vichy, Deligny suspeita de práticas de reinserção, readaptação e inclusão – e sobretudo no contexto pós-guerra de capitalismo crescente onde trata-se antes de incluir para “reaproveitar”, a fim de tornar útil e eficaz esse “outro”. Deligny segue essa pista que se radicalizará ao longo dos anos na medida em que também o capitalismo e o neoliberalismo se cristalizam pouco a pouco enquanto forma dominante. Em 1967, Deligny se instala nas Cevenas, sul da França, e cria uma rede de áreas de convivência acolhendo crianças autistas mudas. Essas crianças representam o limite máximo da “inadequação”, completamente inúteis e quase descartáveis. O diagnóstico de “incurável” e de “inviável” dado por um psiquiatra a Janmari se torna então um motivo para Deligny e marca o último deslocamento da pista seguida até então. Deligny ingressa na via exploratória da “inadaptação” buscando sua *positividade*. Ele faz antes uma antropologia do que propriamente uma psiquiatria. O motivo serve para formular a pesquisa da tentativa e segundo um postulado “perspectivista”: observar a linguagem da *posição* de uma criança muda – como antes se tratava de observar a justiça a partir da *posição* de um delinquente. É na “linguagem” que certas imagens vão se cristalizar e criar raízes. A inadaptação diz assim respeito a “imagens icônicas” que o corpo singular deve mais ou menos incorporar, às quais deve “tender virtualmente” (para retomar fórmulas do próprio Deligny), para que ele seja considerado “adaptado”. A linguagem cristaliza uma forma única, unifiante e esvaziada, universalista, totalizante e totalitária. A linguagem, ou ainda, a *palavra* se torna “mortífera” e ela faz com que nos tornemos “o que somos” – para retomar suas expressões de 1971.

Essa palavra mortífera, palavra que diz o outro, que *inclui* e situa o outro segundo sua própria posição (ou ponto de vista) é a linguagem em seu aspecto mais primário, funcionando segundo sua potência de

assimilação ou ainda de colonização. Trata-se de colonizar o outro, assimilando-o, fazendo-o desaparecer. Se Deligny escreve como escreve; se ele busca outras formas de linguagem tais como a câmera e o mapa, é porque uma língua poética poderia subverter essa dimensão mortífera.

O perspectivismo antropológico de Deligny funda sua pesquisa então em primeiro lugar em uma pesquisa por outras ferramentas, outras formas de descobrir e de expor o que ele mesmo chama de outros “modos de ser”. Essa exposição é tanto concebida como uma maneira de dar visibilidade a modos de existência excessivamente díspares em relação à imagem icônica do adaptado, quanto como uma forma de crítica a essa mesma imagem icônica, a esse “modo de ser” dominante do homem ocidental capitalista de matriz europeia. Deligny teoriza uma via de mão dupla entre o “humano” e o “homem-que-nós-somos”. O conceito de “humano”, com forte inspiração levi-straussiana é concebido como uma “reserva virtual” de uma “diversidade de formas”; o “homem-que-nós-somos” é compreendido, por sua vez, como uma forma atual e cristalizada do humano e que se vê como a única possível, tendendo assim a uma universalização, a uma totalização mortífera. Humano e homem-que-nós-somos são duas formas imutáveis, em tensão constante, em uma dialética infinita e insolúvel: o “humano” é uma imagem liminar, imagem do sem-imagem, enquanto o “homem-que-nós-somos” é uma imagem icônica que todo e cada um deve supostamente incorporar, a qual todo e cada um deve tender “mesmo que virtualmente”.

Escritas, antropologia, prática artística e clínica se veem subitamente entrecruzadas, dificultando a possibilidade de dar um estatuto definitivo às práticas, ou melhor, às tentativas de Deligny e em particular àquela junto a crianças autistas nas Cevenas. Uma dimensão dessa prática condensa esses diferentes aspectos. É a atenção primordial ao lugar, ao espaço. As áreas de convivência são áreas instaladas; são instalações de um meio, onde objetos e corpos podem se inscrever, se movimentar e conviver. Se o espaço não é instalado exclusivamente para as crianças autistas, ele é, no entanto, instalado tendo em con-

sideração uma ordenação territorial e temporal que lhes é propícia. Os mapas e as imagens filmadas/fotografadas são ferramentas para visualizar e trabalhar esses espaços, para melhor instalá-los. A escrita também tem uma função de exposição, mas ela é ainda o lugar de desenvolvimento teórico- poético desses materiais registrados. A escrita é o “catalizador químico”, para retomar uma expressão do próprio Deligny, capaz de criar uma *lisibilidade* para esses materiais, permitindo que sua produção prolifere. Enfim, toda a atenção dada ao espaço, à organização e à instalação do espaço é o motor de uma prática de cuidado dos corpos autistas, mas também dos corpos e dos gestos dos adultos “normais”. Para os autistas, trata-se de fabricar um lugar possível, “vivível” para esses corpos que não cessam de se mutilar; para os sujeitos “normais”, trata-se senão de liberá-los, ao menos de refletir sobre os vícios da nossa civilização: o excesso de eficácia, de finalismo, de possessividade e de assimilação/colonização. O tema recorrente do “comum” em Deligny é a tentativa de construção de um espaço de convivência e de coexistência que não faça desaparecer uma diferença em prol da outra, mas que algo *entre* surja.

Antes de afirmar que Deligny é um clínico, um antropólogo ou um artista, nos interessa sobretudo interrogar sua prática. Uma prática que poderia ser definida como sendo um certo *materialismo*. Não é à toa que a etologia de Lorenz ou Von Frisch, a paleontologia de Le-roi-Gourhan e a psicologia de Wallon são tão determinantes para a formação intelectual de Deligny. A coexistência dialética, conflituosa, “simbiótica” e “bi-polar” do humano e do homem-que-nós-somos, do inato e do adquirido, do meio humano e do meio animal tem origem nessas leituras. Seu materialismo se funda no cuidado do espaço, das condições e circunstâncias que fazem com que o indivíduo se torne o que ele é. Em suma, seu materialismo é herdeiro direto de um pensamento sobre o *meio* como dimensão determinante da produção do indivíduo. Embora haja descontinuidades, a reflexão do meio remonta às primeiras tentativas e em especial à época da Grande Cordée (anos 1950 e cujo presidente era Wallon), onde se tratava de construir com jovens delinquentes um espaço de vida que lhes desse a ocasião de agir diferentemente. A última grande referência importante aqui

é a obra do educador soviético Makarenko que no início da União Soviética trabalhara em uma Colônia na Ucrânia, desenvolvendo uma coletividade infantil com órfãos, onde aprendizado sensorial, estético e de organização coletiva caminhavam juntos.

Não se trata nunca, porém, em Deligny de uma simples transposição mágica de meio; não se trata de arrancar os delinquentes de seu meio e isolá-los. Trata-se antes de criar um espaço que lhes permita, por um lado, respirar e ver outra coisa que as dificuldades às quais se habituaram, mas, por outro lado, de refletir sobre seu meio. Trata-se de desenvolver um novo olhar crítico sobre a cristalização e a normalização de injustiças sociais e capaz assim de pôr em cheque o postulado de naturalização do caráter. Trata-se de materialismo face ao moralismo. Trata-se não de docilização, mas de revolta. O Deligny do COT de Lille e da Grande Cordée ainda pensa em termos mais diretamente “militantes”, no interior das principais instituições do Estado. *Les vagabonds efficaces* é nesse sentido um excelente exemplo e de uma grande atualidade para uma reflexão no Brasil atual sobre pobreza, delinquência, reinserção, prisão e justiça. Mas a posição de Deligny já é, quanto à Instituição, bastante ambígua. Não se trata, a meu ver, de “reforma institucional” nem da criação de instituições porvir, mas antes de uma *desestruturação interna do funcionamento institucional*. O que Deligny faz no COT de Lille, em 1945, é uma verdadeira *sabotagem* – e o mesmo em La Borde em 1965-1967, buscando formas dos pacientes saírem/fugirem da clínica. A Instituição já aparece como um problema e mais tarde será o lugar mesmo de cristalização ideológica, de concentração de uma imagem icônica do homem-que-nós-somos. Se há até 1967 “batalha institucional” mais direta, seu sentido deve ser no entanto problematizado.

As tentativas de Deligny são, por isso, essencialmente políticas. Resta compreender o sentido de sua política. E não me parece uma tarefa fácil. Se Deligny afirma com o tempo ser um comunista, ele o é sem dúvida de forma tanto dissidente, quanto anárquica ou marginal. No período das Cevenas, ele acentua a ideia de que sua política é muito mais ligada à criação de um ritmo, de um meio, de um espaço-tempo

outro. Não a revolução abrupta, mas os micro-movimentos, a *quase* imobilidade. Por isso são os Chicanos da Califórnia um exemplo tão importante para Deligny e sobretudo a anedota recorrente em seus textos de uma marcha que traduz a inteligência política, prática e *espacial* do seu líder César Chavez. Tratava-se em seus atos de percorrer o mesmo caminho que as procissões tradicionais e religiosas como se o uso do caminho tradicional pudesse ser uma força canalizadora da reivindicação presente, como se não houvesse política possível sem uma atenção aos trajetos, marcas e estratos do território, lá onde voluntarismo político e ruptura abrupta parecem ser mais danosos do que proveitosos. Para Deligny, em sua reflexão no fim dos anos 1970 e começo dos anos 1980, após as grandes crises do petróleo e um novo momento do capitalismo mundial, não se faz política sem um uso da geografia e das marcas históricas de um *lugar*.

Deligny é um marginal sem sê-lo. Em seu isolamento geográfico, mantém uma conexão importante ao mundo cultural. Ele invoca uma posição à *margem*, mas isso não significa que se trate, no entanto, de um *puro fora*, ou ainda de uma posição *anti* ou *contra*. Nada parece incomodar mais Deligny do que a atitude *anti*- tão presente nos eventos de maio de 1968. Mais uma vez a posição de Deligny não é fácil de definir.

Nos pós-68 e com a crise do comunismo soviético, a “democracia” se torna progressivamente uma palavra de ordem aparentemente incontornável. E Deligny, uma vez mais, desloca sua posição, se afirmando cada vez mais *comunista*. Em correspondência inédita com Marcel Gauchet, de 1981-1983, Deligny recusa tanto o adjetivo “revolucionário”, quanto o “democrático” como mais obviamente o “burguês”. Enfim, ele identifica a “liberdade” a uma palavra de ordem esvaziada *made in USA*.

Eis [...] a hipótese que você faz de um Vishnu ‘revolucionário-burguês-democrático’ nas origens dessa tentativa. De burguês, nada, senão o irmão mais velho do meu pai que, sendo meu padrinho, e lamentavelmente se enriquecendo durante a guerra de 14-18, me deu o impulso, por repulsão, para me tornar, desde 1933, comunista. Se podemos acreditar em Rousseau, ‘ter uma religião é seguir

aquele onde se nasce'; eis então de onde eu venho, esse d'onde-aí desprovido de toda religião. [...] Quanto a 'conduzir' tentativas que deveriam ser democráticas em sua estrutura, seria necessário ainda que houvesse vozes. Ora, eu sempre vivi "em tentativa", há cinquenta anos, nunca de outro modo, e ao fim dessa sucessão de tentativas, esta, que diz respeito a 'crianças' que não possuem o uso da linguagem – e não possuem portanto voz nessa matéria [a democracia]. Resta revolucionário; um verdadeiro peso no qual consiste essa palavra. Toda a energia de que dispõe um homem corre o risco de sumir no esforço para carregar o emblema. [19 de maio de 1983]

[A liberdade] é uma fita de papel colorida decorando um abacaxi em conserva que se tornou, para os dissidentes soviéticos psiquiatrizados, a imagem da liberdade – *made in USA*-Califórnia. [21 de novembro de 1981]